

VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Raquel Rodrigues da Costa

GEPEVs – Grupo de estudos e Pesquisa sobre Violências
Universidade Estadual de Campinas - Brasil
Faculdade de Educação Física
Professora de Educação Física – RJ
raquelrodrigues_edf@yahoo.com.br

Patrícia de Carvalho Silva Borba

Professora de Educação Física – RJ
patiborba@gmail.com

Elaine Prodócimo

Faculdade de Educação Física
Universidade Estadual de Campinas - Brasil
GEPEVs – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Violências
elaine@fef.unicamp.br

Resumo

Poucos estudos relacionam a questão do ensino religioso nas escolas e o comportamento violento de crianças e jovens. Este estudo tem por objetivo analisar propostas de trabalho pautadas na educação religiosa como forma de prevenção e/ou tratamento de condutas violentas por parte de crianças matriculadas em duas escolas particulares, uma adventista e uma católica no ensino fundamental II, comparando seus dados com os de outra escola, também particular, porém laica e baseada na pedagogia tradicional. A pesquisa foi realizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, Brasil. É um estudo de natureza qualitativa e foi desenvolvido por meio de uma pesquisa exploratória. Foram realizadas observações de aulas e do recreio com registro simultâneo dos dados, com o objetivo de verificar o que ocorre nestes momentos em relação à violência, o que desencadeia estas situações, como ocorre e como esta é tratada nestes ambientes educacionais específicos. Entrevistas com um professor de cada ano de escolaridade do ensino fundamental II e com o coordenador pedagógico do segmento também foram feitas. Os dados coletados mostram que a rotina religiosa não interfere no comportamento dos alunos e que atitudes de repressão e punições tendem a gerar mais comportamentos violentos entre os estudantes. As escolas religiosas selecionadas têm rotinas como orações e leituras de



textos bíblicos, que são utilizados como forma de abordar temas como valores e princípios. No entanto, a escola adventista, onde foi observado um número significativo de agressões, se utiliza também de regras e proibições que não foram observadas nas outras escolas.

Palavras-chave: Violência; Educação religiosa.

Abstract

Few studies relate the issue of religious education in schools and violent behavior in children and youth. This study aims to analyze proposals for guided work in religious education as a prevention and/ or treatment of violent behavior by children enrolled in two private schools, an Adventist and a Catholic in elementary school II, comparing their data with those of another school, also private but not religious and based on traditional pedagogy. The research was conducted in the metropolitan region of Rio de Janeiro, Brazil. It is a qualitative study and was developed through an exploratory research. Observations were made of classes and school recess with simultaneous recording of data, in order to verify what happens in these moments in relation to violence, what triggers these situations, as it occurs and how it is treated in these specific educational environments. Interviews with a teacher for each grade of elementary school II and with the pedagogical coordinator segment were also made. The collected data show that the religious routine does not interfere in student behavior and attitudes of repression and punishment tend to generate more violent behavior among students. Religious schools have selected routines as prayers and readings of biblical texts which are used as a way of addressing issues such as values and principles. However, the Adventist school, where there as a significant number of aggressions, using also the rules and prohibitions that were not observed in other schools.

Keywords: Violence; Religious education.

Introdução

Os relatos de comportamentos violentos de crianças nas escolas estão sempre em pauta em diferentes meios. Cada vez mais a sociedade estimula crianças e



adolescentes a terem atitudes individualistas, que passam bem longe da reflexão e da responsabilidade com o próximo.

Estudos vêm sendo feitos sobre a questão do ensino religioso nas escolas e também sobre o comportamento violento de crianças e jovens, porém poucos estudos relacionam ambos os temas.

Alguns pais escolhem para a educação escolar de seus filhos, as pedagogias chamadas alternativas a fim de propiciarem uma educação mais ampla, integrada, que trate da questão dos valores e que previnam comportamentos violentos, ou mesmo na tentativa de resolver tal questão. Com a responsabilidade de educar de uma forma diferente das escolas tradicionais laicas, as escolas religiosas tencionam educar moralmente seus alunos, para, conseqüentemente, amenizar problemas de convivência, promovendo a resolução de conflitos e, com isso, reduzindo condutas violentas entre os mesmos.

O presente estudo tem como objetivo analisar diferentes propostas de trabalho com foco na prevenção e/ou tratamento de condutas violentas, tendo como foco duas escolas pautadas em educação religiosa e uma escola laica, de ensino fundamental II.

Revisão Bibliográfica

Poucos estudos relacionam a questão do ensino religioso nas escolas e o comportamento violento de crianças e jovens. De acordo com Rosas, (2009), existem pelo menos três possibilidades de se ministrar o Ensino Religioso em Escolas. O ensino religioso *confessional*, em que cada representação oficial religiosa tem sua expressão litúrgica e doutrinária. Como exemplo, temos a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) que possui um curso específico para formação de professores de Ensino Religioso em suas Escolas Confessionais, o *Mater Ecclesiae*. Porém outros grupos religiosos como os Judeus, os Adventistas e os Espíritas, também possuem suas escolas confessionais, mas ao que consta, não possuem cursos específicos de formação de professores de ensino religioso. No caso do espiritismo, há congressos sobre educação espírita.

No ensino religioso *ecumênico*, a ênfase está nas posturas éticas, buscando princípios doutrinários e litúrgicos afins, ficando o grupo religioso de maior expressão com uma maior influência sobre as demais.



No ensino religioso *fenomenológico*, é feita uma abordagem antropológica, observando-se as diversas manifestações religiosas de forma cultural, seja através do estudo das religiões comparadas ou buscando as histórias das religiões. Uma dificuldade nessa terceira forma é encontrar professor com esta formação adequada e neutralidade de influência proselitista sobre seus alunos.

No Brasil, a partir da primeira constituição, segundo Cury (2004, p. 189) “O ensino oficial, em qualquer nível de governo e da escolarização, tornou-se laico, ao contrário do Império em que a obrigatoriedade do ensino religioso se fazia presente”. Também de acordo com Cury (2004, p. 189), porém, com a pressão, especialmente da Igreja católica, “o ensino religioso aparece em todas as constituições federais desde 1934, sob a figura de matrícula facultativa”, sendo antes disso, sido precedido pelo reingresso em alguns Estados da nação. Nesse período de “ausência” do ensino religioso, o mesmo foi substituído pela disciplina de Educação Moral e Cívica, que, segundo Ranquetat Jr. (2007, p. 165) “visava, sobretudo, transmitir, incutir nas novas gerações os valores republicanos, seculares, as chamadas virtudes cívicas”.

Ranquetat Jr. (2007) também afirma que o ensino religioso é mantido na Constituição Federal de 1946, na de 1966-1967 e também na de 1988 e, na primeira LDB de 1961, é incluído, ainda por pressão da igreja católica, mantendo-se na LDB de 1971.

A lei nº 9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), propõe, no art. 33, revisado e sancionado em 22 de julho de 1997, pelo então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, mediante a lei 9475/97:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

Nessa linha, de acordo com Ranquetat Jr. (2007, p. 175-176), o ensino religioso nas escolas públicas perde seu caráter de doutrinação e



busca assim contribuir na formação de um novo cidadão e não na criação de um fiel ligado à determinada confissão religiosa. Cabe ao ensino religioso, incutir valores de fundo religioso que possibilitem uma sociedade mais sã e equilibrada. O ensino religioso nas escolas públicas se apresenta como um instrumento de controle social.

A parte das discussões ocorridas em relação ao ensino religioso nas escolas públicas, as escolas particulares podem assumir educação religiosa pautada na forma confessional.

De acordo com Souza, (2008), a escola socializa o indivíduo de maneira repressiva/ coercitiva, reprimindo determinadas ideias e comportamentos, tornando-se violenta.

Quando tratamos da violência escolar, mais do que uma vertente pode ser seguida para sua compreensão: tanto aquela que apresenta a violência que ocorre entre os múltiplos participantes do processo educativo, como alunos, professores, gestores, funcionários em suas relações, e aquela que se apresenta na forma dos conteúdos e procedimentos adotados pela instituição. Segundo Viana (2002, p.120-121), essa segunda forma de tratar a violência escolar, chamada de a violência institucional escolar possui duas formas básicas de manifestação: a violência disciplinar e a cultural (simbólica). Ainda segundo esse autor — [...] a violência disciplinar prepara o indivíduo para atuar em qualquer outra instituição disciplinar utilizando-se da metodologia de vigilância hierárquica, sanção normatizadora e do exame. Esses são meios necessários para manter a ordem, a hierarquia e as regras.

Quanto à violência cultural e/ou simbólica, esta se dá numa relação onde determinado grupo impõe a outro, ideias e valores culturais. Para compreender essa forma de violência, primeiramente, é preciso considerar que, segundo Araújo (2002, p. 19), “o ser humano não se faz sozinho, sem a sociabilidade que o inclui no mundo da cultura”. Nessa linha argumenta Moreira (2008, p. 301) que — [...] a violência simbólica é aquela imposta pela sociedade dominante e que faz com que o indivíduo menos privilegiado, aceite como natural a dominação [...].

No ambiente escolar, a violência simbólica ocorre, pois a escola é uma instituição que educa, muitas vezes, atendendo aos interesses das classes dominantes, ao reproduzir ideias e normas sociais favoráveis à classe, utilizando-se de conteúdos, programas e formas de avaliações, muitas vezes, sem relação com a população que a frequenta e incompatíveis com seus interesses e ideais. A imposição



da violência cultural, como informa Viana (2002), está presente nos programas, nas grades curriculares, nos livros e nos textos adotados, bem como no discurso da burocracia e dos membros do corpo docente.

Concebida de várias formas na relação social, de acordo com Souza (2008), a violência pode ser caracterizada como imposição de algo realizado por um indivíduo/grupo social a outro indivíduo/grupo social contra a sua vontade. Contudo, essa situação de imposição pode levar a atos de resistência, de rebeldia quanto ao estado imposto. Esses atos podem tanto direcionar-se a própria instituição opressora e dominadora, no caso a escola, por meio de atos contra o patrimônio, quanto àqueles que a representam, no caso as pessoas envolvidas nesse espaço/tempo, com isso, adentramos na relação com a outra forma de violência nas escolas, a do tipo relacional.

Segundo Garcia e Madriaza (2005), os jovens necessitam de reconhecimento social. Em estudo realizado com estudantes adolescentes chilenos considerados violentos por seus pares, os autores perceberam que as ações violentas são, muitas vezes, praticadas como forma de obter reconhecimento do outro, e essa necessidade de ser violento para ser reconhecido, pode ser fruto, entre outros fatores, de uma perda de suporte cultural e identitário por parte dos jovens, e leva-nos à questão sobre os valores sociais pelos quais a violência é tida como forma de obter reconhecimento pelo outro.

Muitos estudos vêm sendo feitos em diferentes países na busca de compreendê-la e intervir de maneira efetiva para sua diminuição. A questão do clima escolar tem sido apontada como fator que interfere diretamente nos casos de agressão na escola (Ferrer et al, 2011, Waasdro et al, 2011). Na tentativa de melhorar esse clima escolar e minimizar os casos de violência na escola, alternativas são tomadas de acordo com os interesses das escolas. No caso das escolas religiosas, muito se pauta nos ideais das religiões professadas para a manutenção de um clima escolar positivo. Porém alguns estudos têm apontado para uma dificuldade por parte dos professores para tratar dos casos de conflitos e violência ocorridos no ambiente escolar. Black et al (2010) em estudo realizado com objetivo de verificar as estratégias de enfrentamento da violência em ambiente escolar entre adolescentes norte americanos, observou que poucas vezes os professores são requisitados pelos alunos nessas situações, pois esses não acreditam que contar com o adulto da escola



resolva algo, e isso é um reflexo real da falta de preparo dos professores para lidarem com essas situações.

Neste estudo, serão analisadas as propostas de trabalho em relação à violência e a forma de lidar com ela de duas escolas de ensino religioso confessional, sendo uma escola católica e uma escola adventista, em comparação com uma escola laica, tradicional, ou seja, que não se propõe a ministrar aulas de ensino religioso, todas do ensino fundamental II.

Compete salientar que esta referência à pedagogia tradicional centra-se essencialmente em seu modelo laico. Existe uma diferenciação importante entre a escola tradicional de característica religiosa e a sua forma laica, sendo a primeira com grande influência da igreja católica e a segunda, objeto de nosso estudo, livre das influências religiosas.

Método

Este estudo, de natureza qualitativa, foi desenvolvido por meio de uma pesquisa exploratória, para a qual foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados a observação de 4 dias de aulas em uma turma de 6.º ano (História e Matemática) e duas turmas de 7.º ano (Língua Portuguesa, Matemática, Língua Inglesa e Ciências), e do recreio em cada escola com registro simultâneo dos fatos observados e sem interferência das pesquisadoras em relação às crianças, com o objetivo de verificar o que ocorre nestes momentos em relação aos comportamentos violentos, como ocorrem, o que desencadeia estas situações e como estas são tratadas; e entrevistas com professores e coordenadores das escolas.

Na região metropolitana do Rio de Janeiro existem muitas escolas voltadas para o ensino religioso, em sua maioria, são escolas grandes e tradicionais ligadas à religião católica e muito procuradas por pais e mães de classe média e classe média alta. No entanto, após o contato das pesquisadoras para a realização da pesquisa, apenas uma escola autorizou a entrada das pesquisadoras para o estudo.

Existem, também, escolas ligadas à religião adventista, sendo estas em número inferior em relação à quantidade de escolas voltadas à religião católica na referida região do estado. Novamente após o contato das pesquisadoras, apenas uma escola autorizou a entrada das pesquisadoras para prosseguimento do estudo. Não foi verificada a existência de escolas voltadas a outras expressões religiosas na região.



Os grupos de expressões religiosas foram escolhidos pela sua grande representatividade no sistema educacional local, grande procura por parte dos responsáveis dos alunos e pelas autorizações que conseguimos, visto a dificuldade encontrada para consegui-las.

Em relação à escola laica, não foi encontrada grande dificuldade, pois há grande quantidade de escolas laicas na região. Foi escolhida uma escola com estrutura física e número de alunos similar às escolas voltadas para o ensino religioso em que o estudo foi autorizado.

As escolas observadas são instituições de médio porte, situadas em bairros nobres da região metropolitana do Rio de Janeiro e atendem alunos de famílias de classe média e classe média alta. Possuem turmas em três segmentos de escolaridades, sendo estes o ensino fundamental I e II, e o ensino médio. Cada escola tem cerca do mesmo número de turmas e infraestrutura similar, com espaço aberto no pátio para o recreio e quadra de esportes.

As turmas escolhidas para observações foram turmas de 7.º ano na escola adventista e na escola católica e, uma turma de 6º ano na escola laica. Foram escolhidas salas de 7.º ano, pois estudos mostram que essa é a fase com maior número de ocorrências de agressões (Ramirez, 2001, Cerezo, 2009). Importante salientar que, na escola laica, as observações foram feitas em uma turma do 6.º ano do ensino fundamental e não em uma do 7.º ano, pois não houve permissão para a entrada da pesquisadora em sua sala durante a aula por parte de uma professora, sendo que esta professora estaria ministrando aulas em todos os dias da pesquisa. Durante as observações algumas conversas informais foram feitas com funcionários da escola, durante o recreio, na busca de compreender a dinâmica desse momento da rotina escolar. Também foram feitas, para a coleta de dados, entrevistas com dois professores em cada escola, que tiveram suas aulas observadas e com os coordenadores pedagógicos do segmento, em cada escola. Totalizando 3 entrevistas em cada instituição. Durante as entrevistas, o seguinte roteiro foi seguido:

- Há muitos casos de agressões na escola?
- O que leva a esses comportamentos?
- Como são tratados pela escola?
- O ensino religioso, em sua opinião, minimiza esses casos?



As entrevistas foram gravadas e os dados foram transcritos posteriormente e analisados com base na Análise de Conteúdo de Bardin (1977).

Resultados

Durante o período de observações de recreio e das aulas, foi possível comprovar a ocorrência de atos violentos entre os alunos, porém em escalas diferentes para cada escola. Além disso, pudemos também, observar as relações entre os alunos e o modo como as escolas interferem em situações de conflito.

Nas três escolas observadas, o recreio tem a duração de 20 minutos e é feito em horário intercalado entre o ensino fundamental II e o ensino médio. As escolas têm número de alunos matriculados no ensino fundamental II semelhante e no turno da manhã, em média, 170 alunos do 6.º ao 9.º ano desfrutam juntos o horário do recreio. Há funcionários distribuídos por todo o pátio com a função de reprimir qualquer tipo de desentendimento entre os alunos.

Em todas as escolas o uso de celulares é proibido e, na escola adventista, também o uso de acessórios como brincos e anéis, pois não estão de acordo com os princípios adventistas que proíbem o uso de ornamentos no corpo, possibilitando apenas o uso de objetos funcionais como relógios de pulso e alianças de casamento. Todas as escolas têm jogos de totó (pebolim) e ping-pong disponíveis para os alunos durante o recreio. O espaço reservado para estes jogos foi o local onde a maior parte dos atos violentos foram observados durante o recreio.

Nas 3 escolas os alunos aproveitam seu tempo livre como preferem, entre lanches e brincadeiras, porém na escola adventista os alunos estão proibidos de utilizarem a quadra esportiva e brinquedos como bolas, pois atividades físicas são permitidas apenas durante as aulas de Educação Física. Nesta escola, bebidas enlatadas não são comercializadas na cantina por ordem da direção, sendo permitidas apenas em copos descartáveis.

Notamos que no recreio nesta escola há proibições quanto ao uso de brinquedos e a prática de jogos e atividades esportivas, ficando os alunos em um pequeno espaço delimitado pelos adultos e sob sua vigilância e intervenção constante. No livro "Vigiar e Punir", Foucault (1977), afirma que o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho em que as técnicas que permitem ver



induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam.

Durante o recreio na escola adventista, apesar de todo controle e vigilância, atitudes violentas foram observadas nos jogos de totó (pebolim) e ping-pong que são usados quase que exclusivamente pelos meninos. Os atos violentos mais observados foram os xingamentos (18) e ameaças (3 ocorrências), embora as agressões físicas, como chutes, empurrões e socos (8, 5 e 4 ocorrências, respectivamente) também estivessem bastante presentes.

No recreio da escola católica, parte dos alunos joga vôlei na quadra de esportes, com grupos mistos de meninas e meninos, outra parte joga totó (pebolim) em um espaço também dividido entre meninas e meninos, enquanto uma terceira parte fica lanchando e conversando. Os únicos atos violentos observados foram xingamentos (8), sempre com interferência imediata de algum funcionário. Nessa escola há apenas dois funcionários observando os alunos durante o horário do recreio, sendo que um fica na quadra de esportes e outro no pátio observando os alunos que ficam lanchando, conversando e jogando totó (pebolim).

Os atos violentos observados durante o recreio na escola laica foram 12 xingamentos entre os meninos durante os jogos de futebol na quadra de esportes, e uma discussão entre as meninas que jogavam totó (pebolim). Aparentemente o motivo da discussão não foi o jogo, mas um trabalho de História que deveria ser feito em grupo. No caso dos xingamentos, apenas algumas reprimendas dos funcionários responsáveis por aquela parte do pátio foram observadas como medida para tentativa de resolução do conflito. Com relação à discussão entre as meninas, todas foram encaminhadas para a coordenadora pedagógica que conversou com as envolvidas e aparentemente resolveu a questão, ao menos naquele momento. A maioria dos alunos ficava lanchando e conversando e entre estes, não foram observados atos violentos.

Em todas as escolas, a forma mais comum de violência foi a agressão verbal, provavelmente por ser a forma mais fácil de agredir sem que algum adulto ou funcionário veja e interfira, já que em todas as escolas existe constante vigilância. Esses dados, sobre a forma mais utilizada de violência ser a verbal foi também ressaltada por Guerra et al (2011) em estudo realizado comparando os dados de alunos espanhóis e chilenos. Para os primeiros a violência verbal foi a mais comum, já para os segundos, as violências físicas indiretas como roubar e estragar coisas foram as mais frequentes, seguidas pelas violências verbais.

*Observação das aulas*

As escolas têm organizações internas diferentes. A escola adventista tem rotinas religiosas como orações no início e ao final do turno escolar, bem como de leituras de textos bíblicos antes destas orações, o que não foi observado nas outras duas escolas. Cada dia um aluno diferente fica encarregado destas funções, e o que exerce a função no início do turno não necessariamente o fará ao final deste, sendo neste momento, sempre é escolhido o aluno mais “indisciplinado” do dia, segundo relato da professora. Este, nos dias das observações, sempre o fez entre risadas e deboches, sendo também motivo de chacota entre seus colegas de turma. Segundo informações dos funcionários da escola, e confirmada através da entrevista com a coordenadora pedagógica, a maioria dos professores desta escola é adepta da religião Adventista, com exceção do professor de Educação Física e do professor de Língua Inglesa e entre os alunos matriculados na escola, nem todos pertencem a famílias adeptas desta religião. Ainda segundo os funcionários, depois que a vigilância interna foi intensificada, a maior parte das violências físicas (brigas), passou a ocorrer na saída da escola e em suas imediações (a menos de 100 metros de sua entrada), sendo as meninas as principais envolvidas nestes casos. Quando acontecem no portão da escola, a direção convoca os pais e suspende os alunos em questão. É relevante informar que, ainda segundo os funcionários, os pais não costumam comparecer quando são chamados para resolver tais conflitos, porém essa informação não pôde ser confirmada.

A turma escolhida para observação das aulas foi uma turma de 7.º ano. Esta turma tem 28 alunos matriculados, sendo três repetentes e em defasagem idade/série. As aulas observadas foram as de Ciências e de Língua Inglesa e os professores destas disciplinas foram posteriormente entrevistados.

Durante as aulas os atos violentos são mais frequentes do que os observados no recreio, alguns alunos são visivelmente excluídos de grupos de trabalho, havendo necessidade de intervenção dos professores para que estes participem das atividades, como em um momento da aula de Ciências, quando a professora sugeriu um trabalho em grupo durante a aula e duas meninas foram impedidas de fazer parte de dois grupos por suas colegas de turma. Mais uma vez os xingamentos foram a forma de violência mais observada (22 ocorrências), seguidos de violências físicas como chutes (9 ocorrências) e puxões de cabelos entre as meninas (7 ocorrências). Esses comportamentos são considerados, pelos alunos, como brincadeiras e algo normal e



corriqueiro entre eles, mas que, pelas observações, incomodam muito seus professores e os alunos que sofrem essas violências, pois frequentemente se queixam, os primeiros à coordenação e os segundos aos seus professores.

Para controlar os problemas em sala, os professores usam de artifícios como ameaças de expulsões de sala e suspensões. Como o professor age de forma repressora e punitiva, ele também está usando de violência sendo violento, e com isso a situação acaba por não se resolver de fato. Essas atitudes tomadas pelos professores corroboram com o estudo apresentado na introdução, feito por Black et al (2010), que atesta a falta de preparo dos professores para lidarem com a situação de violência na escola. O professor deve usar sua autoridade para advertir algum jovem por atitudes inadequadas na aula ou em relação a outro colega, porém isso é bem diferente de ser autoritário e controlar a classe ameaçando com castigos, notas baixas e punições que provocam medo e tensão. Quando os estudantes se sentem aceitos, o medo se reduz, as crianças e jovens ficam mais espontâneos e participativos e sem temor de cometer erros. Para combater o comportamento violento, não adianta agir com violência. É preciso ver quais necessidades de acolhimento por parte dos alunos e quais emoções ainda não foram compreendidas pelo professor. Estes têm um papel fundamental no sentido de propiciar em suas aulas um ambiente agradável em que as crianças possam desenvolver-se de maneira integral e harmoniosa. Fontana (2007, p.5) afirma que:

O segredo para cativar a atenção dos alunos e evitar situações de agressividade, estaria na capacidade de diálogo do professor. Um professor que sabe dialogar e, sobretudo tem sensibilidade para ouvir seus alunos, tem condições de conseguir resultados extremamente positivos com seus grupos.

Quando são expulsos da aula, os alunos são encaminhados para a coordenadora do segmento, para conversar, em casos mais leves e, para serem suspensos, em casos mais graves, sendo os pais mais uma vez convocados pela escola para resolver questões relativas ao comportamento de seus filhos. Mais uma vez vale ressaltar que os pais só comparecem quando o reingresso do aluno na escola está condicionado a sua presença. Embora consideremos que os pais devam estar cientes dos comportamentos de seus filhos na escola, o que observamos é a necessidade de encaminhar os problemas da escola para serem resolvidos pelos pais, aqui a escola se exime de sua função educativa, fazendo com que os conflitos que surgem e se desenvolvem na escola sejam resolvidos em outro momento e por outras



peessoas. Durante as observações nenhum aluno foi expulso de sala de aula, apenas ameaças constantes por causa de conversas paralelas às aulas e discussões com xingamentos que aconteciam constantemente, porém as ameaças não surtiram efeitos sobre esses comportamentos dos alunos.

Na escola católica não há rotinas religiosas, apenas uma aula de ensino religioso, que é ministrada uma vez por semana por um professor preparado pelo catolicismo para tal função. A professora de Língua Portuguesa diz utilizar muitos textos que abordam temas como preconceito e respeito ao próximo. Segundo informações de funcionários da escola, todos os professores se dizem adeptos da religião católica, embora, ainda segundo informações, este fator não seja imperativo para que façam parte do corpo docente.

A turma escolhida para observação das aulas foi uma turma de 7.º ano. A turma tem 25 alunos matriculados e, segundo informações dos professores, não há repetentes. As aulas observadas foram as de Matemática e Língua Portuguesa. Durante as aulas não foram observados atos violentos entre os alunos, nem violências verbais, nem violências físicas. Havia trabalhos em grupos, mas não foram observados momentos de exclusão entre os alunos dos grupos. Os alunos interagem bem durante as aulas que prosseguiam com as explicações dos professores sem problemas de comportamento como violências físicas e verbais.

A escola laica não tem intenção de educar seguindo preceitos religiosos. Não há rotinas religiosas, apenas o canto do Hino Nacional todas as segundas-feiras e apenas pelos alunos do ensino fundamental II. De acordo com informações de funcionários da escola, brigas entre os alunos são raras, tanto dentro da escola como em seus arredores. A turma escolhida para ser observada foi uma turma do 6º ano. A turma tem 18 alunos matriculados e, segundo informações dos professores, não há repetentes. As aulas observadas foram as de História e Matemática. Durante as aulas não foram observadas violências verbais, apenas algumas violências físicas, sendo tapas (3) e empurrões (2), todas entre meninos e meninas e, em princípio, todas por “brincadeira” e sem revide, visto que os professores imediatamente intervinham, conversando e questionando os motivos para tais atitudes. Os alunos se desculpavam imediatamente.

Foi possível observar diferenças entre a quantidade de atos violentos observados nas escolas, com grande quantidade na primeira, nenhum ato violento na segunda e alguns episódios na terceira. Segundo Jesuíno, (2011, p. 96):



No que se refere aos conflitos socioafetivos na sala de aula, um meio altamente codificado por normas explícitas e implícitas, a gestão/regulação das interações conducentes a um clima preventivo depende, sobretudo, da competência relacional dos docentes.

Podemos avaliar, pautados na afirmação feita pelo autor, que não basta a visão pautada ou não em proposta religiosa, mas as habilidades do docentes em lidar com as relações sociais são muito importantes para manutenção de clima afetivo favorável ao aprendizado.

Entrevistas

Com o intuito de entender como as escolas lidam com os comportamentos violentos de seus alunos e de investigar o motivo das diferenças entre os números dos atos violentos nas escolas, foram realizadas entrevistas com dois professores que lecionavam em cada turma observada e com os coordenadores pedagógicos das respectivas escolas. Nas entrevistas, foram observadas algumas divergências em relação às respostas dadas às perguntas e a realidade observada nas escolas.

Na escola adventista foram entrevistados a coordenadora pedagógica do segmento e os professores de Ciências e Língua Inglesa. A primeira entrevistada foi a coordenadora pedagógica. Quando questionada sobre os casos de atos violentos na escola, ela afirmou que são poucos casos, ao contrário do que foi observado pelas pesquisadoras e relatado por funcionários responsáveis pela observação dos alunos no recreio, não sabendo afirmar quais os motivos que levariam a estes atos violentos. Quando questionada sobre como estes atos são tratados pela escola, ela afirma que são tratados com conversas entre os alunos envolvidos no caso e, em situações mais graves, os pais são chamados. Porém foi observado que os casos de violências verbais são tratados com repreensões e os de violências físicas com suspensões. Quando questionada se, em sua opinião, o ensino religioso poderia minimizar casos de violências, ela afirma que sim, por causa dos hábitos adotados na escola e sua rotina religiosa, que levaria a meditações e reflexões a respeito dos próprios atos. No entanto, observou-se que durante as rotinas religiosas, como orações e leituras de textos bíblicos, os alunos debochavam do momento e eram alvo de deboches por parte de seus colegas de turma.

Também foram entrevistados dois professores da turma observada. Ambos os professores afirmaram que não há muitos casos de atos violentos na escola, e que



estes se restringem ao sexto e o sétimo ano, contudo foram observados atos de violências físicas e verbais entre alunos de todos os anos de escolaridade do ensino fundamental II durante o recreio. Com relação às possíveis causas de comportamentos violentos, foram citados, em destaque os problemas familiares, a mídia e jogos eletrônicos. Os professores relatam que a escola lida com esses atos violentos tentando fazer com que os alunos se conscientizem de suas ações, evidenciando mais uma vez divergência com as observações feitas. Quando perguntados sobre se o ensino religioso poderia minimizar casos de violências, os professores discordaram em suas opiniões, um deles acredita que sim, que o ensino religioso leva à reflexão de seus atos e outro afirma que não. Um dos professores pediu que a seguinte afirmação fosse acrescentada na íntegra: *“A escola está perdendo seu principal papel que é de educar. Está virando depósito de problemas familiares e sociais. Se o aluno tem algum desvio de conduta, quem deve resolver é a escola.”*

Na escola católica, tanto a coordenadora pedagógica quanto os professores afirmaram que não há muitos casos de violência na escola, e suas afirmações estão de acordo com as observações feitas. Todos afirmaram que a principal causa de comportamentos violentos entre os alunos é a falta de acompanhamento dos pais, a discórdia entre pais e mães, levando as crianças a extravasarem em suas relações com seus pares. Afirmaram que a escola trata os casos de violência com advertências e suspensões: violências verbais recebem advertências orais e/ou escritas e violências físicas recebem suspensão. Porém como os poucos casos de violências são entre alunos reincidentes, muitas vezes estas medidas são postas de lado e os alunos são chamados a conversar e, caso se julgue necessário, seus pais também. Quando perguntados sobre se o ensino religioso minimiza os casos de violência, todos disseram que sim, pois as aulas de ensino religioso, falam sobre valores como solidariedade e respeito ao próximo. Essa informação não pôde ser confirmada, pois não foram observadas as aulas de ensino religioso.

Na escola laica, a coordenadora e os professores afirmam que não são muitos os casos de atos violentos, sendo os existentes apenas de violências verbais entre alunos recorrentes do 9.º ano, e alguns casos de violências físicas entre alunos do 6.º ano. Afirmam que o que leva a estes comportamentos é o temperamento desses alunos e sentimentos como raiva, oriundos de outras relações e que são extravasados no ambiente escolar. De acordo com os profissionais, a escola lida com a questão



através de conversas com ambos os alunos envolvidos e em casos mais graves, convocando os pais. Acreditam que a rotina religiosa não influencia no comportamento dos alunos, mas sim, o ensino de valores como respeito e cooperação, o que pode e deve ser feito também pela escola laica.

Discussão e Considerações Finais

Observamos que, mesmo com tantas proibições, vigilância e fiscalização, ocorrem situações de violência nas escolas, tanto nas aulas, como no horário do recreio, o que nos leva a analisar que o excesso de proibições e cerceamento pode ter efeito contrário. Comportamentos violentos estão presentes em todas as escolas observadas, tendo ou não caráter religioso e a forma de lidar com esses comportamentos não necessariamente se alterava em virtude do caráter religioso ou não da instituição. As advertências e suspensões foram mencionadas em todas as escolas observadas, bem como o diálogo com os alunos e com os pais nos casos mais graves, porém, na prática, atitudes de repressão foram observadas em relação aos alunos que cometiam atos violentos independente, mais uma vez, do caráter religioso ou não da instituição. Black et al (2010) enfatizam a necessidade dos adultos da escola de ouvir os alunos, e mais, de considerar o que dizem como forma de apoio às vítimas e auxílio aos agressores.

Muitos fatores envolvem esta questão, porém se por um lado as ações praticadas pelo aluno, no espaço escolar, ultrapassam o que se considera socialmente aceitável, por outro lado, compreende-se que estas atitudes têm suas origens na própria realidade vivenciada pelo indivíduo, como uma resposta, em alguns casos às muitas opressões e violências vividas por ele, muitas vezes no próprio âmbito escolar.

É fato que o pequeno número de escolas observadas no presente estudo não permite generalizações quanto às diferenças entre escolas laicas e religiosas e nem mesmo entre escolas de uma mesma opção religiosa, mas nos dão um indicativo do que ocorre, permitindo-nos analisar que não é a profissão de uma determinada doutrina, mas sim dos valores envolvidos, não apenas nas religiões, que podem alterar os comportamentos dos alunos.

O clima escolar vem sendo cada vez mais considerado como fator de proteção quanto aos atos violentos (Ferrer et al, 2011), ou seja, um ambiente acolhedor, que respeite as diferenças entre os alunos e demais agentes escolares, que permite sentimento de pertencimento e a integração escolar, independente de seu caráter



religioso ou não é mais eficaz. É claro que isso pode ser obtido por meio de uma intervenção pautada no ensino religioso, mas isso não é exigência.

Desta forma, de acordo com as observações e entrevistas, consideramos que a educação religiosa por si apenas, não influencia no comportamento violento dos alunos. A valorização da ética e respeito ao outro pode ser considerado como patamar máximo de encontro de todas as religiões. Mas não a ética entendida como conjunto de regras e proibições, e sim como lei natural permanente na consciência humana. Este pode ser um trabalho com reflexos positivos no comportamento de crianças. Como afirma Santo (2011, p.159):

[...] os valores são critérios de comportamento e motivos de conduta e que uma formação para os valores não passa só pela transmissão de mensagens axiológicas sobre o que é um valor (vertente informativa), mas também, e fundamentalmente, pela promoção quer de um pensamento crítico (consciência do valor), quer do compromisso que o aluno estabelece com o valor (vertente afetiva), quer com a sua experiência em atuar de acordo com ele (vertente comportamental).

A escola não pretende ser uma comunidade de fé, mas um espaço privilegiado de reflexão sobre limites e superações. Implicando assim, em uma necessidade de se construir uma pedagogia que favoreça tal perspectiva, porque seu objetivo é fruto de uma experiência pessoal, em busca de respostas para questões existenciais.

Referências Bibliográficas

- Araújo, C. (2002). *A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Black, S., Weinles, D., Washington, E. (2010). Victims Strategies to Stop Bullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*. 8(2), 138-147.
- Brasil (1996). Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996., http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acessado em 09/11/2012.
- Cerezo, F. (2009). Bullying: análisis de lasituaciónenlas aulas españolas. *International Journal of Psychology Therapy*, 9(3), 383-394.
- Cury, C. R. J. (2004). Ensino Religioso na Escola Pública: o retorno de uma polêmica recorrente. *Revista Brasileira de Educação*, 27, 183-191.



- Ferrer, B., Martinez, R., David M., Amador, L. V., Orford, J. (2011). Victimization Escolar en Adolescentes. Un análisis desde la perspectiva Ecológica. *Psychosocial Intervention*, 20(2), 1-13.
- Foucault, M. (1977). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes Editora.
- Garcia, M., Madriaza, P. (2005). La Imagen Herida y el Drama del Reconocimiento: estudio cualitativo de los determinantes del cambio en la violencia escolar en Chile. *Estudios Pedagógicos*, XXXI (2), 27-41.
- Guerra, C., Álvarez-García, D., Dobarro A., Nuñez, J. C., Castro, L., Vargas, J. (2011). Violencia escolar en estudiantes de Educación Secundaria de Valparaíso (Chile): comparación con una muestra española. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud*, 2(1), 75-98.
- Jesuíno, J. C. (2011). Ser professor não é fácil. In Suzana Nunes Caldeira & Feliciano H. Veiga (coord.). *Intervir em situações de indisciplina, violência e conflito* (pp. 81-104). Lisboa: Fim de Século.
- Moreira, B. S. (2008). A linguagem corporal: formas negociadas contra agressões do meio. In H. Medrado (Org.). *Violência nas escolas*. Sorocaba: Editora Minelli.
- Ramirez, F. C. (2001). *Condutas Agressivas na Idade Escolar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Ranquetat Jr., C. (2007). A. Religião em sala de aula: o ensino religioso nas escolas públicas brasileiras. *CS Online. Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 1(1), 163-180.
- Santo, J. A. R. E. (2011). A Prevenção da Indisciplina numa perceptiva de auto-regulação. In Suzana Nunes Caldeira & Feliciano H. Veiga (coord.). *Intervir em situações de indisciplina, violência e conflito*.(pp. 145-174). Lisboa: Fim de Século.
- Souza, M. R. (2008). Violências nas escolas: causas e consequências. *Caderno Discente do Instituto Superior de Educação*, 2(2), 120.
- Viana, N. (2002). Escola e violência. In N. Viana, & R. Vieira (Org.). *Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola*. Goiânia: Edições Germinal.
- Waasdorp, T. E., Pas, E. T., O'Brennan, L. M., Bradshaw C. P. (2011). A Multilevel Perspective on the Climate of Bullying Discrepancies Among Students, School Staff, and Parents. *Journal of School Violence*, 10, 115-132.